

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CAMPUS LAGOA DO SINO**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ESTUDO ETNOEDAFOLÓGICO COM MULHERES DO QUILOMBO CAMPO  
GRANDE (MG): PERCEPÇÕES SOBRE O CUIDADO COM A TERRA E PRÁTICAS  
AGROECOLÓGICAS**

**HELENA LELLI RIGA**

**BURI (SP)  
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CAMPUS LAGOA DO SINO**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ESTUDO ETNOEDAFOLÓGICO COM MULHERES DO QUILOMBO CAMPO  
GRANDE (MG): PERCEPÇÕES SOBRE O CUIDADO COM A TERRA E PRÁTICAS  
AGROECOLÓGICAS**

**HELENA LELLI RIGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Centro de Ciências da Natureza,  
Universidade Federal de São Carlos, como  
exigência para obtenção do título de Bacharel  
em Ciências Biológicas e avaliação obrigatória  
da atividade curricular Trabalho de Conclusão  
de Curso

**Orientador:** Prof. Dr. Ricardo Serra Borsatto

**BURI (SP)  
2023**

Riga, Helena Lelli

Estudo etnoedafológico com mulheres do Quilombo  
Campo Grande (MG): percepções sobre o cuidado da  
terra e práticas agroecológicas / Helena Lelli Riga --  
2023.  
28f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Lagoa do Sino, Buri  
Orientador (a): Ricardo Serra Borsatto  
Banca Examinadora: Giulianna Rondinelli Carmassi,  
Henrique Carmona Duval, Ricardo Serra Borsatto  
Bibliografia

1. Agroecologia. 2. Cuidado. 3. Mulheres rurais. I. Riga,  
Helena Lelli. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Lissandra Pinhatelli de Britto - CRB/8 7539

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS****COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - CCCBio-LS/CCN**

Rod. Lauri Simões de Barros km 12 - SP-189, s/n - Bairro Aracaçu, Buri/SP, CEP 18290-000

Telefone: (15) 32569030 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 29/2023/CCCBio-LS/CCN

**Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso****Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)****FOLHA DE APROVAÇÃO****HELENA LELLI RIGA****ESTUDO ETNOEDAFOLÓGICO COM MULHERES DO QUILOMBO CAMPO GRANDE (MG): PERCEPÇÕES SOBRE O CUIDADO COM A TERRA E PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS****Trabalho de Conclusão de Curso****Universidade Federal de São Carlos – Campus Lagoa do Sino**

Buri, 28 de fevereiro de 2023

**ASSINATURAS E CIÊNCIAS**

<b>Cargo/Função</b>	<b>Nome Completo</b>
Orientador	Ricardo Serra Borsatto
Membro da Banca 1	Giulianna Rondinelli Carmassi
Membro da Banca 2	Henrique Carmona Duval

Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Serra Borsatto, Docente**, em 05/04/2023, às 04:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).Documento assinado eletronicamente por **Giulianna Rondinelli Carmassi, Docente**, em 05/04/2023, às 08:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).Documento assinado eletronicamente por **Henrique Carmona Duval, Docente**, em 05/04/2023, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1000333** e o código CRC **7C87EB9B**.

---

**Referência:** Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.005906/2023-53

SEI nº 1000333

*Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de dedicar e agradecer este trabalho de conclusão de curso a todos os que fizeram parte dos caminhos que levaram a este fim, sem vocês nada disso seria possível:

Agradeço aos meus pais, Eleandra e Matheus que para além de tornarem tudo isso possível foram em grande parte a minha inspiração para muito do que foi dito aqui. O cuidado que vocês sempre tiveram comigo foi o que, nessa jornada de muito amor, inspiração e aprendizado, de fato me trouxe até aqui. Palavras são pouco para dizer o quanto agradeço a vocês, que sempre deram valor às coisas que eu amo e acredito e sempre confiarem em mim ao me ver trilhando o caminho das coisas que sinto.

Agradeço ao melhor professor que eu já tive na vida, que veio a se tornar meu orientador e também um grande amigo, Ricardo. Acredito que eu jamais conseguirei explicar o que você representa pra mim... E jamais saberei enumerar quantos “nós” você já deu na minha cabeça, e talvez esse seja um dos motivos de eu gostar tanto de você. Agradeço por tudo que você me ensina, por acreditar em mim e por todo carinho que você me dá. Você me ensinou a sonhar com horizontes que eu jamais imaginava existir, obrigada.

Agradeço a Lagoa do Sino que foi a instituição que em cada detalhe se mostrou a realização de um sonho que eu nem sabia que eu tinha. Idealizar um espaço como a Lagoa do Sino era impossível antes de vivenciar tudo o que essa instituição tem a oferecer. Me orgulho em poder dizer que estudei em um lugar em que tive uma educação libertadora e transdisciplinar... A Lagoa do Sino me mostrou que é sim possível falar de amor e ciência na mesma página.

Agradeço ao Quilombo Campo Grande e todas as pessoas que me acolheram e se dedicaram para que a realização das entrevistas fosse possível. Agradeço pelo espaço que me foi concedido, por cada palavra que construiu, engrandeceu e enobreceu esse trabalho. Para além do que foi proporcionado a pesquisa, as conversas que tivemos alimentou e enriqueceu a minha vida. Vocês me ensinaram sobre o cuidado com a terra, e me mostraram na prática a força transformadora desse cuidado, o qual agora tem feito parte da minha vida por onde quer que eu vá.

Agradeço às minhas amigas do coração, Julia, Maria Emília e Aline que me apoiarem tanto e sempre acreditarem em mim. Sem vocês essa jornada não teria tido a mesma cor. Obrigada por colorirem e tornarem tão mais bonita e alegre a minha vida.

Mas em especial, gostaria de agradecer a Maria Emília, minha amiga e parceira de profissão. Acho que ninguém entende tão bem o que esse trabalho representa pra mim quanto você, que acompanhou esse processo desde a primeira linha, desde as minhas primeiras reflexões. Eu sinto como se nós tivéssemos cuidado dessa semente juntas. Agradeço por você tão pacientemente ter lido tantas vezes os mesmos parágrafos e por não deixar a minha insegurança me paralisar todas as vezes que você sorria lendo o que eu escrevi, saiba que isso mudou tudo... E não posso deixar de agradecer também por você ter me ajudado com as burocracias que envolveram esse trabalho, sem você a minha incompetência teria tornado tudo milhões de vezes mais difícil.

## RESUMO

Tendo em vista as problemáticas que envolvem a degradação dos solos, a pesquisa trata-se de um estudo etnoedafológico sobre as percepções das mulheres do assentamento Quilombo Campo Grande (MG) no que se refere ao cuidado com a terra. O principal objetivo deste trabalho consiste em desenvolver reflexões sobre como em um cotidiano de incertezas e transformações as mulheres rurais recriam práticas sociais que viabilizam o seu ser-no-mundo e seu ser-com-outros a partir do cuidado da terra, buscando também agregar referencial teórico para o desenvolvimento de estudos que abordem a conservação dos solos a partir de contextos sociais, culturais, étnicos e econômicos locais. A coleta e análise de dados foi dividida em: (1) revisão bibliográfica; (2) entrevistas semiestruturadas com 4 mulheres assentadas no Quilombo Campo Grande; (3) observação participante; (4) triangulação dos dados coletados; (5) sistematização de técnicas de manejos que correspondem a práticas de cuidado da terra. Desse modo, a pesquisa pretende colaborar com estudos que considerem o cuidado da terra e a agroecologia como caminhos para um desenvolvimento alternativo ao que o sistema agroalimentar hegemônico propõe. Os resultados obtidos sugerem que o cuidado da terra simboliza, para além de um manejo sustentável, um ato de resistência, de emancipação e de mudanças sociais consistentes no que diz respeito a conservação da natureza e a soberania alimentar. Assim, do ponto de vista político, para além do ontológico, o trabalho traz o cuidado como uma prática social e discute a necessidade da socialização/desfeminização do cuidado da terra como um dos caminhos para a construção social da agroecologia em nossos territórios.

**Palavras-chave:** Etnoedafologia, percepções, mulheres rurais, manejo agroecológico, conservação dos solos.

## ABSTRACT

Considering the problematics around soil degradation, the research talks about an ethnoedaphological survey about women's perception of the Quilombo Campo Grande (MG) settlement, regarded to soil care. The main objective of this survey consists in developing thoughts about how, among the uncertainties and changes of daily life, rural women recreate social practices that enables their being-in-the-world and their being-with-others from soil care, also seeking to aggregate theoretical reference to the development of studies that approach soil maintenance from the social, cultural, ethnical and economical local contexts. The gathering and analysis of data were divided in: (1) bibliographical review; (2) semi-structured interviews with four women settled at Quilombo Campo Grande; (3) participant observation; (4) triangulation of collected data; (5) handling techniques systematization which correspond to soil care practices. Therefore, the research intends to contribute with studies that consider soil care and agroecology as means to an alternative development to what's proposed by the hegemonic system. The results obtained suggest that soil care symbolizes, beyond a sustainable handling, a resistance act, of emancipation and consistent social changes in what concerns nature's preservation and food sovereignty. Thus, from the political perspective, beyond the ontological, the survey brings care as a social practice and discusses the necessity of soil care socialization/ de-feminization as a mean to the social construction of agroecology in our territories.

**Key-words:** ethnoedaphology, perception, rural women, agroecological handling, soil preservation

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>6</b>
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>9</b>
3.1 OBJETIVOS GERAIS.....	9
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
4.1 ÁREA DE ESTUDO E SUJEITAS DA PESQUISA.....	10
4.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	13
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

O solo é uma camada superficial terrestre dinâmica, diretamente influenciada por fatores bióticos e abióticos, que desempenha funções fundamentais para o funcionamento dos ecossistemas. Em função disso, a degradação dos solos induz diversos desequilíbrios ambientais que trazem consequências para a conservação da biodiversidade e para a sociedade humana (MUGGLER; SOBRINHO; MACHADO, 2006).

Não obstante, ainda que se saiba que o solo é um recurso de lenta recuperação e sensível a perturbações antrópicas, o modelo produtivo agrícola hegemônico tem ocasionado consequências negativas alarmantes no que diz respeito à degradação dos solos, gerando consequências como desertificação, erosão, poluição, contaminação e assoreamento de cursos d'água, entre outras (SILVA; DAUFENBACK; COSTA, 2017).

Por outro lado, mulheres camponesas continuam resistindo e desempenhando papéis vitais para a conservação dos solos, pois acumularam ao longo da história diversos saberes agroecológicos com base nos conhecimentos de inúmeras estratégias de manejo para a produção de alimentos diversos e saudáveis (SILVA; DAUFENBACK; COSTA, 2017).

À vista disso, investigamos as percepções de mulheres camponesas, do assentamento Quilombo Campo Grande (MG), sobre o cuidado com a terra, com objetivo de identificarmos elementos e processos relativos a práticas conservacionistas de manejo de solos. Assim, a pesquisa ora apresentada justifica-se por contribuir para o avanço do conhecimento sobre processos sociotécnicos promotores de sistemas de produção agrícola mais sustentáveis, consequentemente colaborando para o desenvolvimento de estratégias mais ambientalmente amigáveis para manejo de solos, processos de produção de alimentos mais saudáveis e qualidade de vida das famílias camponesas.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

De acordo com Acuña *et al.* (2014), para que possamos sobreviver em um mundo habitável é necessário que assumamos nosso compromisso e responsabilidade de cuidado com a natureza. Este cuidado, por sua vez, segundo Leonardo Boff, pode ser definido como “um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana, enquanto humana.” (BOFF, 2014, p. 39).

Pressupondo a responsabilidade social deste cuidado, consideramos que ao nos referirmos à conservação dos solos devemos nos referir de antemão ao cuidado da terra. No entanto Acuña *et al.* (2014) apontam que os focos das pesquisas de conservação dos solos carecem de reconhecimento social sobre o uso da terra e de reflexões éticas e afetivas no tocante ao fato de que para conservar o solo é necessário cuidar do solo, ou seja, proteger, nutrir, dar afeto etc.

Estes autores ainda alegam que muitos projetos etnopedológicos de conservação dos solos não alcançam resultados satisfatórios, pois não consideram a realidade e os conhecimentos ancestrais de quem maneja a terra. Os camponeses têm sido vistos como causadores da degradação dos solos e não como componentes essenciais para o alcance de soluções efetivas para este problema. Posto isto, Acuña *et al.* (2014) apontam para os limites da etnopedologia, que aborda o solo considerando todas as suas vertentes e estrutura-se a partir da visão técnico-instrumental para buscar a conservação dos solos. A pesquisa ora apresentada seguiu uma outra linha, pois restringe-se ao estudo da camada cultivável do solo, com +/- 20 cm de profundidade, e as relações das comunidades locais com a gestão sustentável do uso da terra.

À vista disso, nesta pesquisa adotamos o conceito de etnoedafologia, que é um campo de estudo pouco explorado no Brasil. A partir da revisão da literatura, reconhecemos que este conceito abordado por Narciso Bassols está intimamente relacionado às investigações sobre o cuidado da terra e a visão agroecológica. Segundo Bassols (2013), a etnoedafologia é definida como uma disciplina híbrida que aborda as relações históricas e culturais dos camponeses com suas teorias e práticas de manejo da terra.

Para pesquisas etnocientíficas, a percepção e o conhecimento, segundo Araújo *et al.* (2013), são construídos a partir dos domínios *kosmos-corpus-praxis*, que representam respectivamente: (1) as crenças e troca de simbolismos; (2) o conjunto de conhecimentos sobre o uso e manejo dos recursos naturais; (3) o conjunto de práticas desenvolvidas por uma determinada comunidade. Diante disso, as metodologias mais utilizadas para este tipo de pesquisa buscam aproximar o pesquisador e o pesquisado com o intuito de contemplar estes domínios e, assim, realizar análises mais profundas sobre o objeto de pesquisa (ARAÚJO *et al.*, 2013).

Desse modo, levando em consideração os domínios *kosmos-corpus-praxis*, bem como a relação humano-solo-planta com a camada mais ativa do solo (+/- 20 cm de profundidade), o estudo se valerá da *etnoedafologia*, (ACUÑA *et al.*, 2015) para realização de coletas de dados e posteriores análises. Segundo Bassols (2013), a etnoedafologia é um campo de estudo

transdisciplinar que explora teorias e práticas camponesas de manejo e uso da terra sob uma perspectiva holística, ecológica e cultural (BASSOLS, 2013).

Segundo Acuña *et al.*, (2015), os estudos etnoedafológicos baseiam-se em quatro princípios fundamentais: (a) formação de solo local e conhecimento da terra em sistemas de classificação; (b) comparação de classificações de solo local com técnicas de manejo; (c) análise de avaliação de solo local como um sistema; e (d) avaliação de práticas de manejo agroecológico. Assim, buscando identificar as percepções e os conhecimentos das mulheres camponesas a respeito do cuidado da terra, a pesquisa tende a aproximar-se do princípio fundamental de avaliação de práticas de manejo agroecológico.

Atendendo à complexidade do conteúdo sociocultural e político do campesinato, que determina sua experiência de classe por meio do seu modo de produção e reprodução social estritamente ligado à terra e atrelado às questões de desigualdade racial e de gênero, o trabalho assumirá as mulheres rurais como sujeitas cuja identidade e percepção possuem grande relevância tanto para a conservação dos solos quanto para a garantia de segurança alimentar através de manejos agroecológicos (LEAL *et al.*, 2020).

Ademais, é fundamental destacar que, ao nos referirmos ao cuidado com a terra, nos apoiamos no conceito abordado no livro *Saber cuidar*, em que Leonardo Boff (2014 p. 38-39) aponta que: “Cuidar é mais que um *ato*, é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” Assim, Boff (2014 p. 38-39) reconhece que o cuidado faz parte da essência humana de modo que “Se, ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo, e por destruir o que estiver a sua volta (...) O cuidado há de estar presente em tudo.” (BOFF, 2014, p. 38-39).

Tendo em vista a perspectiva de Heidegger, do cuidado como um *fenômeno ontológico*, a atitude de cuidar pode ser entendida como a base que concede a possibilidade humana de *ser-no-mundo* e *ser-com-outros*, o que significa que independentemente de qual seja a técnica utilizada pelas mulheres em suas terras, seu manejo depreenderá cuidado (OLIVEIRA; CARRARO, 2010).

Ao relacionarmos as mulheres ao cuidado, a pesquisa compartilha das ressalvas trazidas por Noronha e Fraga (2020, p. 484), que trazem os seguintes apontamentos: “A teoria do cuidado, (...) é politicamente potente ao visibilizar diversas atividades cotidianas, essenciais à sustentabilidade da vida, frequentemente associadas a trabalhos com carga afetiva, e que são atribuídas, em grande medida, às mulheres. Por outro lado, é uma proposta delicada, já que se

coloca apartada de uma discussão cara para os feminismos que se colocam entre dois polos: o da essencialização, em que as mulheres, por serem mulheres, sabem e devem cuidar; e o de uma relação de aversão e negação da função de cuidar, em que a atividade é narrada como a causadora (ou o condicionante) da opressão da mulher na sociedade e, portanto, deve ser evitada.”

Diante do exposto, nenhum destes dois polos corresponde às investigações dessa pesquisa, uma vez que, ainda concordando com Noronha e Fraga (2020, p. 475), as dimensões do cuidado com a terra, desenvolvidas pelas mulheres agricultoras, partem das noções de *ecodependência* que estabelecemos com a natureza e do reconhecimento sobre as limitações materiais do nosso mundo. O cuidado da terra no cotidiano das mulheres no MST, portanto, envolve diversas atividades que vão desde a manutenção da casa, produção de alimentos saudáveis e de fitoterápicos até a preocupação com a preservação das florestas, das nascentes, dos solos e da biodiversidade. Como afirma Sá e Borsatto (2022, p. 206) no livro *Formação de Agentes Populares de Agroecologia*, a militância agroecológica das mulheres estão vinculadas “tanto às questões feministas quanto às questões ambientalistas, considerando que o sistema de produção agroecológico valoriza além das atividades produtivas executadas por mulheres, o cuidado com o meio ambiente”.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVOS GERAIS**

Identificar e compreender a percepção e o conhecimento das mulheres assentadas a respeito do cuidado com a terra, de forma a agregar conhecimento aos campos científicos agroecológico e etnoedafológico para o potencial desenvolvimento de técnicas de conservação dos solos que considerem contextos sociais, culturais, étnicos e econômicos locais.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a. Identificar as relações históricas e culturais que as assentadas estabelecem com a terra;
- b. Identificar e sistematizar as técnicas de manejo utilizadas pelas assentadas;
- c. Identificar a percepção das assentadas sobre degradação dos solos.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 ÁREA DE ESTUDO E SUJEITAS DA PESQUISA

No município Campo do Meio, na mesorregião Sul-Sudoeste de Minas Gerais, encontram-se assentamentos e acampamentos que juntos formam o Quilombo Campo Grande, fruto das lutas pela terra, que até então pertenciam a falida Usina Ariadnópolis, envolvendo famílias trabalhadoras e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) (COCA *et al.*, 2019).

Com uma área total de aproximadamente 4.000 hectares, a Usina Ariadnópolis Açúcar e Álcool S. A. e a Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (CAPIA), em 1996, decretaram falência e deixaram dívidas tanto com o Estado quanto com seus trabalhadores. A partir disso, iniciaram-se às ocupações nesse território, transformando-o em um lugar que passou a simbolizar a conquista da terra a partir da luta e resistência (LOURENÇO; SOUZA; VALE, 2010).

Figura 1: Lote conquistado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra localizado no assentamento Quilombo Campo Grande



Fonte: Autoria própria

A maioria das famílias do Quilombo Campo Grande, segundo MST (2020), produzem de forma agroecológica (Figura 2) ou estão passando por processos de transição. Há mais de 20 anos os acampamentos produzem alimentos como hortaliças, frutas, ervas medicinais, cereais,

dentre outros, sem a utilização de pesticidas e são responsáveis pela produção de aproximadamente 510 toneladas de café orgânico, 500 toneladas de feijão, 55.000 sacas de milho crioulo, entre outros, por ano (AMARAL, 2019).

Figura 2: Alimentos agroecológicos produzidos no assentamento Quilombo Campo Grande



Fonte: Autoria própria

De acordo com Amaral (2019), embora as objeções das questões de gênero sejam temáticas que abarcam a sociedade como um todo, as problemáticas presentes na reprodução social da vida das mulheres nos acampamentos e assentamentos possuem algumas especificidades. Dentre estas especificidades, a problemática que consideramos tangenciar o foco de nossas investigações perpassa a divisão sexual do trabalho e a significação do trabalho doméstico pela sociedade capitalista como tendo valor secundário, pois desconsidera o trabalho empreendido em atividades que se relacionam ao cuidado.

As mulheres entrevistadas apresentam diferentes trajetórias de vida, mas compartilham o cotidiano do assentamento, além de diversas vivências e percepções proporcionadas pelo envolvimento com o MST e pelas relações estabelecidas com a terra. Todas elas contribuem de alguma forma com o coletivo de mulheres “Raízes da Terra”, que atua na produção de fitoterápicos como sabonetes, chás, escalda pés, xaropes, tinturas e pomadas (Figuras 2 e 3).

Figura 3: Espaço do coletivo de mulheres “Raízes da Terra” para a produção de fitoterápicos



Fonte: Autoria própria

Figura 3: Gel de massagem produzido pelo coletivo de mulheres “Raízes da Terra”



Fonte: Autoria própria

A pluralidade de trajetórias das entrevistadas envolve diversas perspectivas: de agrônomas, militantes, mães, coordenadoras, gestoras e participantes do coletivo de mulheres e de cooperativas do MST. Elas relataram ter passado por experiências de despejo, de retornarem ao campo depois de viver alguns anos na cidade, de passarem por outros acampamentos e assentamentos antes de chegarem ao Quilombo Campo Grande.

Algumas das entrevistadas compartilham experiências traumáticas por terem vivenciado o despejo violento que ocorreu em 2020 (Figura 4), durante a pandemia da COVID-19, em que a Polícia Militar destruiu lavouras, demoliu casas de 14 famílias camponesas e a Escola Popular Eduardo Galeano. De acordo com Oliveira (2020), este despejo ficou para história como o mais longo do século XXI, “(...) Por 56 horas, famílias sem-terra resistiram pacificamente à pressão da Polícia Militar, dia e noite, no meio de uma estrada, sob o sol forte e o frio da madrugada, respirando poeira e ouvindo ameaças”.

Figura 4: Famílias em luta contra o despejo violento que ocorreu durante a pandemia em 2020



Fonte: Setor de Comunicação MST-MG. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/12/02/brasil-e-notificado-pela-corte-interamericana-sobre-violacoes-no-despejo-do-acampamento-quilombo-campo-grande/>

## 4.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A triangulação é uma metodologia que compreende o uso de mais de uma metodologia ou técnica de pesquisa para garantir melhores resultados tanto no período de coleta quanto para

a posterior análise de dados (SANTOS *et al.*, 2017). As técnicas utilizadas na triangulação para a coleta de dados foram: (1) elaboração das entrevistas semiestruturadas individuais; (2) diário de campo para anotação de observações, percepções, ideias, opiniões e possíveis eventualidades.

A partir do caráter exploratório qualitativo da pesquisa, foi elaborado um plano de perguntas para a realização das entrevistas semiestruturadas com base nas seguintes categorias analíticas: a) relações históricas e culturais estabelecidas com a terra; b) sistematização das técnicas de manejo utilizadas; c) percepção sobre degradação da terra. Essas categorias foram interrelacionadas com os conceitos de ancestralidade, conservação do solo e da biodiversidade, divisão sexual do trabalho e com as relações de cuidado exercidas nas práticas de manejo.

O planejamento de questões para realização de entrevistas semiestruturadas (Tabela 1) foi feito a partir do método de pesquisa etnográfica. Esta metodologia foi utilizada principalmente por considerar as perspectivas culturais, conferindo maior precisão e confiabilidade na coleta e análise dos dados. Além disso, segundo Santos *et al.* (2017), “Mais do que um estudo sobre as pessoas, a etnografia significa aprender com as pessoas” (SANTOS *et al.*, 2017).

As entrevistas, por sua vez, foram realizadas em 2022 com quatro mulheres do assentamento Quilombo Campo Grande, escolhidas por estarem dentro dos seguintes critérios de inclusão: (1) ser maior de 18 anos, (2) realizar práticas agrícolas, (3) participar, ou já ter participado, de movimentos de luta pela terra.

Tabela 1: Roteiro da entrevista semiestruturada

<b>1</b>	Conte um pouco sobre a sua história.
<b>2</b>	O que sua terra representa para você?
<b>3</b>	O que você sente ao manejar a terra?
<b>4</b>	Como você cuida da terra e das plantas?
<b>5</b>	O que significa cuidar para você?
<b>6</b>	Você acredita que existe uma relação entre o cuidado com a terra e a produtividade?
<b>7</b>	Como mulher, você se sente mais encarregada de atividades que demandam cuidado do que os homens? Se sim, porque acha que isso ocorre?

<b>8</b>	Na sua opinião, qual a importância do cuidado da terra para você e para a sua comunidade?
----------	---

Fonte: Autoria própria

A observação participante se deu através da vivência com as mulheres durante o período de uma semana no assentamento. A vivência consistiu na realização de diversas atividades, como a participação da colheita da camomila (Figura 5), confecção de produtos fitoterápicos, visita aos espaços produtivos das mulheres (Figuras 6 e 7) e rodas de conversa. Durante este período também foram realizadas anotações em diário de campo que auxiliaram no desenvolvimento dos resultados da pesquisa.

Figura 5: Colheita da camomila realizada anualmente pelas mulheres do assentamento

Quilombo Campo Grande



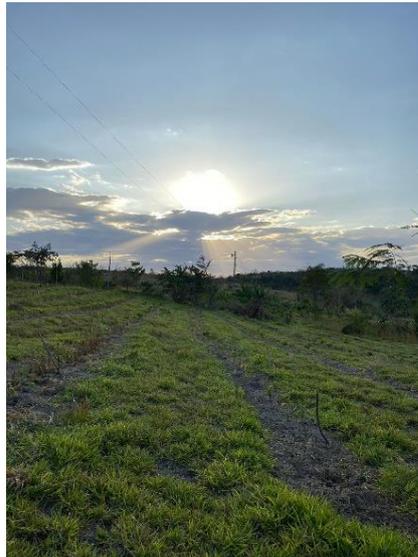
Fonte: Autoria própria

Figura 6: Quintal agroecológico de uma das mulheres assentadas



Fonte: Autoria própria

Figura 7: Sistema agroflorestal em fase inicial de uma das mulheres assentadas



Fonte: Autoria própria

Para um bom rigor analítico, além das interpretações apoiadas nos materiais coletados e nas referências bibliográficas utilizadas pela pesquisadora, os dados extraídos das entrevistas foram manipulados através de softwares adequados (p.ex. Atlas.ti).

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das entrevistas e da observação participante buscávamos, em um primeiro momento, captar as representações das mulheres sobre a terra e sobre o cuidado separadamente. Porém, ao longo das entrevistas observamos que estes conceitos são interligados pelo contexto no qual as mulheres estão inseridas, em que cuidar da terra, para além de uma prática de manejo, é a atitude cotidiana que possibilita, como denominado por Heidegger, o ser-no-mundo e o ser-com-outros das entrevistadas.

Ao longo das entrevistas foi possível identificar diversas vezes a associação entre os conceitos terra-cuidado. A partir de observações sobre o mundo e sobre si mesmas, as quatro entrevistadas se referiram a terra como a mãe *cuidadora* de todos os seres vivos que estão sobre ela.

Tenho o entendimento da terra como a grande mãe. Essa conexão: de onde a gente vem, para onde a gente vai, de onde a gente tira o nosso sustento. É uma grande escola, nos ensina muito sobre essa vida. (Entrevistada 3)

A terra é a nossa mãe. Toda reunião que a gente faz místicas sobre a terra a gente fala sobre como ela ajuda a gente, como ela dá coisas pra gente, é só a gente contribuir (...) eu sinto que a terra é emoção, ela cuida da gente e a gente cuida dela (Entrevistada 2)

À vista disso, temos que essa comparação entre mulheres e terra como cuidadoras é proveniente da construção do papel social feminino enraizado na associação das mulheres à atitude de cuidar. Segundo Garcia (2009), o papel social atribuído à mulher parte da herança de uma ideia primitiva e eurocentrada que compreende o papel reprodutivo da mulher e sua fisiologia como condicionante a responsabilidade de reprodução da vida, de cuidado com os filhos e com as diversas funções essenciais para a manutenção da vida. Nas entrevistas as mulheres disseram se sentirem mais encarregadas de tarefas que se relacionam ao cuidado do que os homens.

A gente pare, a gente amamenta e gera vida. A nossa natureza já nos coloca em um papel de cuidar de um outro ser da nossa mesma espécie para que esse ser se desenvolva minimamente, porque se não é o cuidado, um bebê não sobreviveria. Somos uma espécie que se a nossa mãe nos largasse no dia que a gente nascesse, acabou. (...) Dentro das rodas de conversa, com o coletivo de mulheres que a gente participa, e dentro da comunidade que a gente vive, a gente percebe como as mulheres acumulam as tarefas do quintal produtivo. Quando a gente olha o quilombo de uma vista de cima, nos pontos mais altos, você percebe que onde tem as casinhas tem os quintais produtivos, os quintais em que são as mulheres que realizam o manejo. Os animais de pequeno porte, em geral, são as mulheres que cuidam, cuidam da família, da alimentação, da

providência e do cuidado jurídico da casa, no sentido das contas. As mulheres assumem mais tarefas dentro e fora de casa e no cuidado da família. (Entrevistada 3)

A partir da observação participante também foi possível constatar que as mulheres do assentamento Quilombo Campo Grande apresentam mais afinidade com as atitudes que envolvem o cuidado do que os homens, sendo responsáveis pelas tarefas domésticas, cuidando da casa, dos quintais produtivos, dos filhos e dos animais, e pela produção de fitoterápicos (xaropes, escalda-pés, pomadas, sabonetes etc.).

Contudo, o cuidado da terra, para as entrevistadas, é compreendido a partir do pressuposto de que “a terra é o nosso grande meio de produção” e que “se a gente mata o solo que a gente ocupa, mata as nascentes que a gente ocupa, logo menos nós teremos que desocupar essas terras porque não haverá como nós habitarmos e sobrevivermos nesse lugar” (Entrevistada 4). Em outras palavras, o manejo da terra que não empreende a prática do cuidado causa impactos que dificultam ou impossibilitam a manutenção de todas as formas de vida que estão sobre a terra. Ainda de acordo com a entrevistada 4: “Para as coisas prosperarem a gente precisa cuidar. É essencial. Acho que o cuidado da terra é importante porque sem cuidado nada vai pra frente. Então se você quer permanecer na terra você tem que cuidar.”

As relações de cuidado com a terra conferem às mulheres uma percepção que não se limita a compreender a terra como um mero meio físico a ser explorado, pelo contrário, a terra é compreendida como a fonte que possibilita a manutenção e continuidade da existência humana. Ademais, as mulheres compreendem a terra como um espaço de relações de afeto e amor, e, por consequência, de cuidados.

A terra é a mãe de todos os seres vivos que estão aqui em cima e ela é realmente, como diz uma música nossa: cativa. Você se apaixona por ela, não tem como, porque você vê que a partir do momento que você prepara com amor, e coloca uma semente... Que coisa linda... Aquele desabrochar daquela semente, dali uns dias já é um arvoredo, e dali uns dias já tem flor, fruto... se é uma árvore tem sombra... e quem é que está fazendo tudo isso? A terra. (...) não tem como não amar a terra. (Entrevistada 1)

A terra traz um sentimento muito familiar, ancestral (...) você sente uma coisa boa, me sinto muito bem quando estou perto da terra. (Entrevistada 4)

Passei 3 anos e meio no Rio Grande do Sul e era na cidade, então eu sentia muita falta, mesmo a gente tendo a nossa horta que a gente cultivava, tinha os dias de mexer e as pessoas responsáveis, então eu tinha muita vontade de tá naquele canteiro, de regar, de sentir aquele cheirinho de terra molhada. Eu sinto que a terra é emoção, ela cuida da gente e a gente cuida dela. (Entrevistada 2)

Diante disso, as mulheres relacionam práticas agroecológicas ao cuidado da terra, consideram práticas de agricultura “mais cuidadosas” e que surgem como alternativa às práticas degradantes das quais se utiliza a agricultura convencional.

A pesquisa identificou as seguintes práticas de manejo associadas à atitude de *cuidar da terra* realizadas pelas entrevistadas: a) cobertura de solo com restos vegetais (matéria seca); b) plantio de leguminosas (feijão andu, feijão de porco, crotalária etc.); c) adubação com húmus de minhoca, esterco e matéria orgânica compostada; revolvimento mínimo do solo; d) revolvimento mínimo do solo; e) troca planejada de culturas.

Segundo elas, combinar essas diferentes práticas de cuidado confere diversos benefícios a terra, como: enriquecimento diversificado dos atributos químicos, biológicos e físicos; quebra do ciclo de patógenos; proteção contra a insolação direta; proteção contra o impacto da chuva e do vento; melhora da infiltração e da retenção da água no solo; aumento da presença de nitrogênio e da produção de biomassa vegetal; diminuição da susceptibilidade erosiva; aumento da disponibilidade de nutrientes para as plantas e para a biodiversidade que mantém o solo vivo; melhora da estrutura física e química.

Quando você faz um canteiro, você sempre procura ter húmus de minhoca, matéria orgânica, que é tudo que você usa na sua casa, você vai armazenando, trabalhando com ele pra transformar em matéria orgânica. Se você tiver também esterco de galinha, porco, você coloca junto e incorpora tudo naquele canteiro. Você vai preparando, molhando, porque a matéria orgânica é viva e precisa de água para continuar se transformando e dando vida ao canteiro. Uma das técnicas que eu uso depois de tudo é a matéria orgânica do colônio, que já está lá sequinho e aí você coloca ele em cima para proteger aquela massa orgânica que você colocou. Aí depois de uns dias você vem com a muda e coloca. O solo está protegido com aquela camada de colônio, aí você coloca a raizinha na terra e com o colônio ali quando você molha, a água passa por ele mas não escorre, fica ali, então aquela água que você colocou dá pro dia inteiro e vai também dando vida pra bicharada que está ali dentro da terra. Por que a minhoca a gente vê, mas e os outros? A gente não vê, mas a gente sabe que está ali. Essa é uma forma de você tratar. Eu gosto muito de plantar o feijão andu, porque além de ser um alimento maravilhoso, ele também é medicinal, e além de trazer nitrogênio pro solo por ser uma leguminosa, a raiz desse feijão é bem profunda e vai descompactando o solo, e as folhas e os galhos vão se misturando com a terra e vai produzindo também matéria orgânica. (Entrevistada 1)

Mas, para as entrevistadas, o entendimento de terra não se limita ao solo, uma superfície manejável de caráter exclusivamente produtivo, o conceito de terra carrega múltiplos significados e interpretações, inclusive o de entendê-la como um espaço político, um território. Por consequência, cuidar da terra não se limita a uma prática cuidadosa de manejo, é para além

disso, um conjunto de práticas sociais e políticas: a luta pela terra seguindo os princípios da agroecologia.

Eu acho que a importância do cuidado vai ter várias dimensões. A dimensão individual, da sobrevivência, da manutenção da sua vida. Mas quando a gente fala da Reforma Agrária Popular ele se torna mais uma defesa, porque quando a gente está lutando para ocupar as terras do latifúndio mas também para produzir alimentos saudáveis e de verdade, porque a gente sabe que 70% do alimento que chega na mesa do brasileiro vem da agricultura familiar, o cuidado da terra, a agroecologia (...), fortalece a luta, é uma estratégia que nós temos de resistir e garantir que a nossa produção seja de alimentos saudáveis (...) assim a gente tem mais força para construir a sociedade que queremos. Então para nós é uma estratégia fundamental de sobrevivência e de permanência da luta. (Entrevistada 3)

As mulheres consideram que cuidar da terra é a prática cotidiana da agroecologia como forma de resistência, estratégia de sobrevivência e permanência da luta no assentamento Quilombo Campo Grande. Assim, o cuidado, enquanto forma de ser-no-mundo individual e coletivamente, é uma atitude essencial para a reprodução da vida, e enquanto prática política, é uma forma de resistir. As entrevistadas ainda ressaltam que as mulheres são maioria na linha de frente da luta pela construção da agroecologia dentro dos movimentos sociais, e observam isso dentro e fora do assentamento Quilombo Campo Grande. Este protagonismo, por sua vez, pode estar vinculado ao fato de estarem mais associadas a práticas que envolvem cuidados e por reconhecerem a ecodependência que os seres humanos estabelecem com a terra. (NORONHA; FRAGA, 2020)

No movimento da luta pela terra a gente percebe visivelmente as mulheres na linha de frente das nossas principais lutas e nos embates, na presença de corpo e de organização. (...) quando foi a defesa da escola aqui, as mulheres estavam na frente, na organização da ciranda, da alimentação, da segurança, tudo... então as mulheres, dentro de uma comunidade que estão lutando para ter seu pedacinho de chão, tem um papel fundamental na construção da Reforma Agrária Popular e na resistência. (Entrevistada 3).

Como protagonistas da construção da agroecologia atualmente, as mulheres lutam sobretudo pela socialização do cuidado da terra, pois consideram que o cuidado deve ser um papel atribuído a todos e que se elas foram condicionadas e aprenderam a cuidar, os homens também devem aprender e participar desse processo. Socializar o cuidado da terra, portanto, representa um dos caminhos possíveis para a luta pela construção social da agroecologia.

(...) a sociedade na qual estamos inseridas se construiu de forma que a mulher foi subjugada e estivesse para a servidão. E existe uma diferença entre servir e cuidar. O cuidado é de todos, o servir é de ninguém.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cuidar, compreendido como um fenômeno ontológico, pressupõe que o ser humano se preocupa com a sua própria existência e com a existência do todo, isto é, preocupa-se com o seu ser-no-mundo que materialmente se expressa também em seu ser-com-outros. Assim, identificar as percepções das mulheres assentadas sobre o cuidado da terra traz reflexões sobre como em um cotidiano de incertezas e transformações as mulheres recriam práticas sociais que viabilizam o seu ser-no-mundo e seu ser-com-outros.

De acordo com os resultados da pesquisa, do ponto de vista ontológico, acredita-se que o cuidado, em suas múltiplas dimensões, concede a quem cuida percepções e interpretações sobre a realidade que proporcionam a construção de uma consciência holística sobre as necessidades da vida, o *saber cuidar*. Assim, as mulheres, ao cuidar, significam o mundo considerando e respeitando os ritmos, o tempo e as necessidades particulares de tudo o que lhes demandam cuidado.

Este *saber cuidar* da terra, por sua vez, provém da consciência das mulheres sobre as necessidades da terra, de não realizar práticas que a degradem. Porém, os relatos apresentados nesta pesquisa indicam que o cuidado não se limita somente a práticas de manejo cuidadosas, que visam à proteção e à manutenção da vida do solo. Assim como a agroecologia, o cuidado da terra representa muito mais que isso.

Portanto, a principal contribuição desta pesquisa é apontar que cuidar da terra simboliza, para além de um manejo sustentável, um ato de resistência, de emancipação e de mudanças sociais consistentes no que diz respeito à conservação da natureza e a soberania alimentar. Assim, do ponto de vista político, para além do ontológico, o cuidado como prática social é discutido a partir da reflexão sobre a necessidade da socialização/desfeminilização do cuidado da terra como um dos caminhos para a construção social da agroecologia.

## 7. REFERÊNCIAS

ACUÑA, Isaías Tobasura; MONCAYO, Franco Humberto Obando; CHAVEZ, Fred Alberto Moreno; LONDOÑO, Carmen Soledad Morales; CASTAÑO, Angélica María Henao. De la conservación del suelo al cuidado de la tierra: una propuesta éticoafectiva del uso del suelo. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. 18, p. 121-136, 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/asoc/a/MBTNBtyF4Wp4b7LGkHfJSxr/?lang=es>> Acesso em: 12 abr. 2021. doi: 10.1590/1809-4422ASOC802V1832015.

AMARAL, Jéssica Danielle Ferreira do. **As relações de gênero nos acampamentos e assentamentos do Município de Campo do Meio**. Orientador: Dr.<sup>a</sup> Ana Rute do Vale. 2019. 82 f. TCC (Licenciatura) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, 2019. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/sites/default/files/tccjessicaamaral.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

ARAÚJO, Ana Leônia de; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves; ROMERO, Ricardo Espíndola; FERREIRA, Tiago Osório. Etnopedologia: uma abordagem das etnociências sobre as relações entre as sociedades e os solos. **Revista Ciência Rural**, v.43, n.5, p. 854-860, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cr/a/DMjqtyWYtwBh7BBKhLtxYBq/?lang=pt>>. Acesso em: 15 abr. 2021. doi: 10.1590/S0103-84782013000500016.

BASSOLS, Narciso Barrera. La etnoedafología a principios del milenio: ¿Para qué, cómo e con quién y para quiénes?. *In: Congreso Brasileño de la Ciencia del Suelo Florianópolis*, 34., 2013, Florianópolis. Disponível em: <[https://eventosolos.org.br/cbcs2013/palestras/S04a\\_Narciso%20Bassols.pdf](https://eventosolos.org.br/cbcs2013/palestras/S04a_Narciso%20Bassols.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 38-39.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas; SANTOS, Leonardo Lencioni Mattos; SILVA, Rodrigo de Paulo; FREITAS, Isabelle Medeiros de. Agroecologia e territorialidades camponesas em Campo do Meio – MG. **Revista de Geografia Agrária**, v.14, n.34, p. 168-186, 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/50740>>. Acesso em: 30 mai. 2021. doi: 10.14393/RCT143407.

DEALDINA, Selma dos Santos. Territórios coletivos e ancestralidade: a luta das mulheres quilombolas. **Le Monde diplomatique**. Brasil, 9 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/territorios-coletivos-e-ancestralidade-a-luta-dasmulheres-quilombolas/>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

FERNANDES, Saulo Luders; GALINDO, Dolores Cristina Gomes; VALENCIA, Liliana Parra. Identidade Quilombola: Atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de Alagoas. **Revista Psicologia em Estudo**, v.25, p. 1-15, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/45031>>. Acesso em: 25 de mai. 2021.

GARCIA, L. A Relação Mulher e Natureza: laços e nós enredados na teia da vida. **Gaia Scientia**, v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/3338>. Acesso em: 26 set. 2022.

LEAL, Larissa Sapiensa Galvão; FILIPAK, Alexandra; DUVAL, Henrique Carmona; FERRAZ, José Maria Gusman; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. **Revista de Educação e Sociedade**, v.7, n.14, p. 31-54, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/>>. Acesso em: 20 mai 2021.

LOURENÇO, Arthur Rodrigues; SOUZA, Alex Cristiano de; VALE, Ana Rute do. A luta pela terra no Sul/Sudoeste de Minas Gerais: o espaço da resistência e o território conquistado. *In: I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e X Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP-Rio Claro*. 2010, Rio Claro. Disponível em: < <https://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/cboeartur.pdf> > Acesso em: 20 mai. 2021.

MST promove ato em solidariedade ao acampamento Quilombo Campo Grande.

**Página do MST**, 2020. Disponível em: <<https://mst.org.br/2020/08/26/nesta-quartafeira-26-o-mst-promovera-um-grande-ato-em-solidariedade-ao-acampamentoquilombo-campo-grande/>>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

MST recebe apoio e solidariedade durante despejo em MG. **Página do MST**, 2020. Disponível em: <<https://mst.org.br/2020/08/14/mst-recebe-apoio-e-solidariedadedurante-despejo-em-mg/>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MUGGLER, Cristine Carole; SOBRINHO, Fábio de Araújo Pinto; MACHADO, Vinícius Azevedo. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v.30, p. 733-740, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcs/a/Nm8pcwCzY4dh87dzkzQKQ9z/?lang=pt>>. Acesso em: 20 mai. 2021. doi: 10.1590/S0100-06832006000400014.

NORONHA, Isabela; FRAGA, Lais S.. Dimensões do cuidado: terra e agroecologia para agricultoras do MST. **Revista Ártemis**, [s. l], v. 3, n. 1, p. 466-487, jul. 2020. DOI 10.22478/ufpb.18078214.2020v30n1.53701. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/53701/32376>. Acesso em: 21 set. 2022.

OLIVEIRA, Alysson André Régis de; FILHO, Carlos Alberto Pereira Leite Filho; RODRIGUES, Cláudia Medianeira Cruz. O processo de construção dos grupos focais na pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In: **Encontro da ANPAD**, 31., 2007, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQA2615.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

OLIVEIRA, Marília de Fátima Vieira; CARRARO, Telma Elisa. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.64, p. 376-380, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/SVSn3dm95hcbpKvfV5j9kPm/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

OLIVEIRA, Wallace. Despejo do Quilombo Campo Grande é o mais longo do séc. XXI e marca as lutas sociais. Brasil de Fato MG. Minas Gerais, 18 de agosto de 2020. Política. Disponível em: <<https://www.brasildefatomg.com.br/2020/08/18/despejo-do-quilombo-campo-grande-e-o-mais-longo-do-sec-xxi-e-marca-as-lutas-sociais>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SÁ, Maria Emília Gomes; BORSATTO, Ricardo Serra. Práticas etnobotânicas femininas na conservação da biodiversidade o caso de um coletivo de mulheres assentadas. In: CARVALHO, Joelson Gonçalves; BORSATTO, Ricardo Serra; SANTOS, Leandro de Lima. **Formação de Agentes Populares de Agroecologia**. São Carlos: Editora EdUFSCar, 2022. p. 205-227.

SANTOS, Boaventura de Souza. **As bifurcações da ordem: revolução, cidade, campo e indignação**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016. p. 311-313.

SANTOS, Carlos Alberto Batista; ALMEIDA, Mahatma Lenin Avelino de; SANTOS, Kátia Silva de Souza; OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa; ANDRADE, Wbaneide Martins de Andrade. Métodos e Técnicas de Pesquisa: Interfaces entre Etnobiologia, **Antropologia e História**. In: Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, 2., 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/36403825/M%C3%89TODOS\\_E\\_T%C3%89CNICAS\\_DE\\_PESQUISA\\_INTERFACES\\_ENTRE\\_ETNOBIOLOGIA\\_ANTROPOLOGIA\\_E\\_HIST%C3%93RIA](https://www.academia.edu/36403825/M%C3%89TODOS_E_T%C3%89CNICAS_DE_PESQUISA_INTERFACES_ENTRE_ETNOBIOLOGIA_ANTROPOLOGIA_E_HIST%C3%93RIA)>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <[http://transformatoriomargaridas.org.br/sistema/wpcontent/uploads/2015/02/TESE\\_DOUTORADO\\_SILIPRANDI-Mulheres-eAgroecologia-a-constru%C3%A7%C3%A3o-de-novos-sujeitos-pol%C3%ADticos-naagricultura-familiar.pdf](http://transformatoriomargaridas.org.br/sistema/wpcontent/uploads/2015/02/TESE_DOUTORADO_SILIPRANDI-Mulheres-eAgroecologia-a-constru%C3%A7%C3%A3o-de-novos-sujeitos-pol%C3%ADticos-naagricultura-familiar.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SILVA, Adriella Camila Gabriela Fedyna da Silveira Furtado da; DAUFENBACK, Vanessa; COSTA, Islandia Bezerra da. As mulheres na agroecologia produzindo comida e cidadania rumo à soberania alimentar. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th WOMEN'S WORLD CONGRESS**, Florianópolis. **Anais eletrônicos**: 2017. p. 1-8. Disponível em:

<[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498610179\\_ARQUIVO\\_27.06FAzendo\\_GeneroVersaoCompleta.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498610179_ARQUIVO_27.06FAzendo_GeneroVersaoCompleta.pdf)> Acesso em: 10 mai. 2021